

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ALINE CRISTINA SILVA SANTA ROSA

A MÍSTICA DA MORTE NA POESIA DE EMILY DICKINSON

GUARABIRA - PB

2014

ALINE CRISTINA SILVA SANTA ROSA

A MÍSTICA DA MORTE NA POESIA DE EMILY DICKINSON

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras: Português e Inglês.

Orientador: Ms. José Haroldo N. Queiroga

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S231m Santa Rosa, Aline Cristina Silva
A mística da morte na poesia de Emily Dickinson
[manuscrito] : / Aline Cristina Silva Santa Rosa. - 2004.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2004.
"Orientação: Prof. Mestre José Haroldo N. Queiroga,
Departamento de Letras".

1. Poesia. 2. Mística. 3. Morte. 4. Simbolismo. I. Título.

21. ed. CDD 801.959

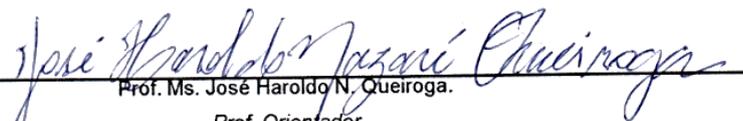
ALINE CRISTINA SILVA SANTA ROSA

A MÍSTICA DA MORTE NA POESIA DE EMILY DICKINSON

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras: Português e Inglês.
Orientador: Ms. José Haroldo N. Queiroga.

Aprovada em: 16/07 /2014

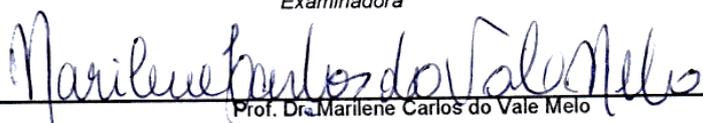
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. José Haroldo N. Queiroga.
Prof. Orientador



Prof. Dr. Wanilda Lima Vidal de Lacerda
Examinadora



Prof. Dr. Marilene Carlos do Vale Melo
Examinadora

*Dedico a minha filha, Ana Cileny, e a meu esposo,
Necessio Rodrigues, pelo amor incondicional e pelo
apoio de todos os dias.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela vida, saúde, amor e sabedoria a mim oferecidos.

Ao meu pai, Francisco Félix Santa Rosa, a minha mãe, Maria dos Anjos Silva Santa Rosa, ao meu esposo Necessio Rodrigues, e aos meus demais familiares que de forma especial e carinhosa me deram força e coragem.

Ao meu amigo, Josiéllington Araújo da Silva, pela orientação e força. Aos demais colegas e amigos pelas orações e pensamentos positivos a fim de que eu pudesse alcançar meus objetivos com esse estudo.

Ao professor José Haroldo N. Queiroga pela paciência, orientações e incentivos que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

A todos, muito obrigada.

EPÍGRAFES

*“Morrer é nada, passado,
Mas a vida inclui viver
A morte multiplicada – sem
O Alívio de morrer”.*

Emily Dickinson

*“Morte, minha Senhora Dona Morte,
Tão bom que deve ser o teu abraço!
Lânguido e doce como um doce laço
E, como uma raiz, sereno e forte”.*

Florbela Espanca

*“Fiz uma canção para dar-te;
porém tu já estavas morrendo.
A Morte é um poderoso vento.
E é um suspiro tão tímido, a Arte...”*

Cecília Meireles

RESUMO

O objetivo deste trabalho é reunir algumas observações sobre a mística da morte Emily Dickinson. Ela foi uma escritora além do seu tempo. Seus poemas expressam seus mais profundos anseios, sempre com muita ironia e contensão. Sua habilidade com as palavras revela vivacidade e engenhosidade no tratamento da complexidade psicológica do ser humano. Seus temas preferidos são: a natureza, o amor, as críticas sociais, e principalmente, a morte. Este último torna-se o foco de estudo do presente trabalho, que analisará alguns poemas de Emily Dickinson buscando investigar a atitude da escritora em relação à mística da morte. A partir das análises da poesia de Emily Dickinson podemos observar que ela traduzia em seus textos a sua maneira de ver a vida como algo obscuro, sem perspectivas, trazendo em suas obras um mistério de palavras que aludiam a reflexões e ironias diante da morte, como sendo algo inevitável e inexplicável.

Palavras-chave: Poesia, mística, morte e simbolismo.

ABSTRACT

The objective of this paper is to collect some observations about the mystical death of Emily Dickinson. She was a writer ahead of his time. His poems express their deepest longings, always with great irony and restraint. His skill with words reveals vivacity and ingenuity in the treatment of psychological complexity of human beings. His favorite subjects are nature, love, social criticism, and especially death. The latter becomes the focus of study of this paper, we examine some poems by Emily Dickinson, aiming to investigate the attitude of the writer in relation to the mystical death. From the analysis of the poetry of Emily Dickinson can observe it in their texts translated his way of seeing life as something dark, no prospects, bringing in their works a mystery word that alluded to ironies and reflections on death, as being inevitable and inexplicable.

Keywords: poetry, mysticism, death and symbolism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 EMILY DICKINSON – A ANÁLISE DA MÍSTICA E DA MORTE.....	11
2.1 Mística: Em Busca de uma Compreensão	11
2.2 A Convivência com a Morte.....	14
2.3 A Mística da Morte na Poesia de Emily Dickinson.....	17
3 EMILY DICKINSON E SUA POESIA: UM BREVE HISTÓRICO	24
3.1 Imagens do Absoluto: O Simbolismo Religioso na Poesia de Emily Dickinson	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa trata de um dos temas preferidos da poetisa Emily Dickinson, a morte. O referente trabalho que tem o objetivo de mostrar o significado da mística e da morte dentro da poesia de Emily Dickinson, uma grande poetisa que fez parte de uma época simbolista, tem o intuito de explicar e esclarecer todas as ideias refletidas desde os questionamentos realizados sobre a mística até o que significa morte dentro da visão de Emily Dickinson, a pesquisa foi realizada para reforçar o objetivo do qual o conhecimento da poesia de Emily Dickinson tem importância relevante nos estudos de literatura norte americana. Por tanto, nos embrenhamos nas leituras cujas fontes estão na nossa referência. É importante ressaltar outras fontes de pesquisas que nos deram a possibilidade para conhecermos como a mística da morte é tratada de diferentes formas por outros escritores.

Através de seus poemas, Emily Dickinson nos revela sensibilidade em lidar com temas que fazem parte da vida humana, associando ainda a mística da morte a uma beleza que desperta admiração. Este trabalho tem importância porque servirá como fonte de pesquisa e suporte para aqueles que admiram Emily Dickinson e suas poesias. Esse trabalho contém desde a biografia e análise de algumas poesias escritas por Emily Dickinson, e também comentários de outros autores que veremos a seguir.

Em linhas gerais para entendermos o significado da mística da morte na poesia de Emily Dickinson foi necessário fazer um estudo sério, observando sempre nos mínimos detalhes as poesias dentro do tema “mística da morte”. Portanto, foi necessário um levantamento bibliográfico e sites que nos fornecem o embasamento teórico.

Emily Dickinson deixou para o século XX uma produção de valor significativo. Em vida, fez pouquíssimas e esparsas publicações de poemas avulsos de sua autoria. Entretanto seus 1.775 poemas e demais cartas vibram em consonância com o que há de mais moderno na literatura norte-americana.

Dessa forma, seus versos retratam uma realidade além de seu século, principalmente se for levada em consideração a brilhante desenvoltura com que a

escritora projetou com o seu estilo peculiar de reflexões sobre temas que permeiam a vida humana, bem como a maneira tão sutil e inusitada como retratou a morte.

Em seus poemas, Emily Dickinson oferecem palavras que nem são de conforto nem de pavor, apenas de reflexão e ironia diante dessa experiência humana inevitável e inexplicável, que a autora encara com a mais admirável e estranha naturalidade e liberdade. Esta última é característica marcante nos poemas deixados em seus cinquenta e seis anos de vida reclusa.

Na verdade, os poemas de Emily Dickinson transpiram uma intensidade religiosa e ao mesmo tempo uma profundidade filosófica e teológica inimagináveis hoje em dia (BIANCHI, 2003). Ela encara, de frente, os dilemas mais complexos da vida humana, que muitas são ignorados ou abandonados por boa parte dos escritores contemporâneos. Para ela, a literatura demanda um pacto eterno com a honestidade e a verdade.

2 EMILY DICKINSON – A ANÁLISE DA MÍSTICA E DA MORTE

2.1 Mística: Em Busca de uma Compreensão

Várias são as definições que podem ser encontradas a respeito da palavra mística. Segundo o minidicionário Aurélio da língua portuguesa, por exemplo, a palavra mística é tida como sendo uma firme crença numa doutrina religiosa, filosófica, etc. Ferreira (1989). No mesmo contexto, o termo grego *μυστικός*, *mystikḗs*, indicava a iniciação a um mistério religioso, na experiência sentida como incomunicável ou inefável. O verbo grego *myo* significa *fechar os olhos ou a boca*.

Outra definição que pode ser associada à palavra mística é o estudo das coisas espirituais, ou uma devoção religiosa, crença fanática e uma ideia, doutrina, pessoa ou carisma. A palavra morte, por sua vez, é sinônima de transformação, de magia. O fenômeno da morte se constitui, portanto, num acontecimento mágico, de transformação.

Emily Dickinson, em seu poema, esconde sinônimos misteriosos, o que pode ser analisado nos versos abaixo:

If I should cease to bring a Rose
Upon a festal day,
Twill be because beyond the Rose
If I should cease to take the names

Se eu não ostentar uma rosa
Em dias de festival,
Será porque para além da rosa
a retornar.

My buds commemorate -
Twill be because Death's finger
Claps my murmuring lip!
I have been called away -

Se eu não mais disser os nomes,
Por minhas flores celebradas
Será porque os dedos da morte
Cerraram meu balbuciante lábio.

Emily Dickinson (1924: 103, 104)

Emily Dickinson escreveu melhores poemas. Este foi supostamente enviado a alguém, juntamente com uma rosa, talvez por isso ela só correu algo fora. O poeta mostra que a única coisa que poderia impedi-la de levar rosas para eventos festivos ou funerais seria *Morte*. Ela volta para o silêncio do túmulo em poemas posteriores com maior efeito ("meu lábio granito"). Na verdade, é difícil imaginar a imagem final de "dedo da morte" apertando o lábio. Um dedo não podia ter lábios de aderência,

nem poderia um dedo apertando fecho lábios como um colar. Outras versões têm 'Claps "ao invés de" Fechos ", mas que é ainda mais improvável.

Enquanto na primeira estrofe tem a rima exata da "Rosa" e "Rosa" é a rima perfeita de "dia" e "fora", a segunda estrofe foi "comemorar" na posição que rima com "lábios", e isso não faz muito de uma rima.

Porém a morte mística pode ser considerada, assim, parte complementar na tarefa de construção da virtude da alma. Com a morte mística, liberamos a essência, emancipamos a essência liberada e a transformamos em consciência. Assim, é como morremos para o pecado, para os defeitos, e nascemos para as virtudes. O misticismo nasce juntamente com a perda da inocência intelectual.

Porém, de acordo com Maurico e Samael (2014), afirmar que não é possível e já que não podemos permanecer na negação absoluta, se conclui que, não merecendo uma total confiança, os nossos instrumentos, ou meios de conhecer, se tornam inúteis. Por isso é possível afirmar que o misticismo é o desespero da razão humana. Nesse desespero, o místico se une sem intermediários ao objeto de conhecimento: conhece o mistério por intuição.

A filosofia mística espanhola, para os autores supracitados, é o resultado de uma fusão do neoplatonismo com o cristianismo, sem caráter reflexivo, mas se nutrindo do sentimento e deixando-se levar pela intuição. O estilo dos místicos espanhóis é pura metáfora. Por esse motivo, alguns escritos, não requerendo dos leitores uma preparação filosófica (nem teológica), adquiriu uma grande popularidade.

Sabe-se que existem vários tipos de mortes: física, mística e a segunda morte. Conforme nos afirma Maurico e Samael (2014), a morte mística é radical, transcendente, pois ela impede a segunda morte ou morte da alma, da qual falava. A morte mística dos nossos defeitos é feita de modo voluntário, enquanto que as mortes físicas e místicas são compulsórias.

A morte mística dos defeitos se constitui, para Maurico e Samael (2014), numa prática objetiva de revolução da consciência, complementada pela meditação. Morte e meditação são, pois, práticas complementares para despertar a consciência. Elas guardam entre si uma relação de interdependência, isto é, uma depende da outra.

A literatura mística apresenta, normalmente, segundo os autores supracitados, o testemunho de um cristão a quem é concedida a revelação do mistério na raiz

etnológica de mística da morte e ressurreição de Cristo, através da leitura da Sagrada Escritura, ou por uma intervenção da graça divina.

A partir da época moderna, a literatura mística reveste cada vez menos a forma de conhecimento revelado, para colocar, cada vez mais, o acento na experiência simultaneamente sofredora e de regozijo pela qual a alma se vai elevando até Deus. Ao longo desta ascensão, a linguagem que serve a expressão do amor divino reveste-se, muitas vezes, de uma semantização lírica amorosa que, tendo como intertexto o Cântico dos Cantos, culmina com uma alegoria do matrimónio da alma com o seu esposo, Jesus Cristo, como sucede numa das mais belas obras de espiritualidade da prosa medieval portuguesa, o Boosco Deleitoso:

Fui lhe dizendo, como a esposa dos Cantares, para esperar um pouco no horto, pois eu estava preparando o quarto e o leito conjugal no centro da alma. Era de púrpura, seda branca e jacinto, o nosso leito. A púrpura significava fortaleza. A seda branca, a pureza. E o jacinto, a prudência. Afinal, a montanha da contemplação está dentro de nós. O palácio da Sabedoria, ainda mais dentro. E no mais adentro da alma, repousa o tálamo conjugal e nele se realiza o perfeito amor (Apud MARTINS, Mário" Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa", in Brotéria, Lisboa, 1975, p. 274.)

Muitos críticos consideram Emily Dickinson uma grande pensadora em relação à mística da morte nos seus poemas. Quando se pensa acerca da temática dos poemas, não se sabe bem dizer se são simplesmente de amor secular ou se disfarçam momentaneamente o desejo místico. As principais palavras que lhe sugerem eram paixão, morte e elementos da natureza.

The earth has many Keys.
Where melody is not
Is the unknown peninsula.
Beauty is nature's fact.

Tem muitas claves a terra.
Lá, onde a melodia se ausenta,
Fica a desconhecida península.
A beleza é fruto da Natureza.

But, witness for her land,
And witness for her sea,
The cricket is her utmost
Of elegy to me.

Mas, testemunha de seu solo
E testemunha de seu mar,
O grilo é a maior elegia
Que a Natureza me faz.
Emily Dickinson (1924: 110, 111)

Emily Dickinson ainda trabalha com a religiosidade firmando-a na eminência absoluta do espiritual, na renúncia do transitório em favor do eterno, no sofrimento para a ida para o céu. Paixão, morte ressurreição de Cristo eram dados de sua cresça, principalmente depois de seu encontro com Rev. Wadsworth às vezes falam em paraíso. Sem a vocação da vida unitiva e, da mística dissolução da

personalidade no amor divino, em que pesem seus instantes místicos, parece natural Emily Dickinson, como em fiéis cristão em geral, o conceito, ou, pelo menos, o desejo de Ressurreição em termos de vida humana.” (Emily DICKINSON, 1985, 78). Observe nessa estrofe:

Safe in their Alabaster Chambers –Where
Untouched by Morning -
And Untouched by Noon –
Lie the meek members of the Resurrection
Rafter of Stain – and Roof of Stone!

Seguros, em suas alcovas de alabastro,
Intocados pelas manhãs
E intocados pela tarde
Jazem os silentes membros da Ressurreição,
Sob traves de cetim e tetos de pedra.

(Emily Dickinson, 2008 p. 108 - 109).

2.2 A Convivência com a Morte

A afirmação da vida e da morte revela-se como formando apenas um ponto de análise; admitir ou sentir uma sem a outra, é assim como celebramos aqui a sua descoberta, uma limitação que, em última instância, exclui todo o infinito. A morte é o lado da vida que não está voltando para nós, nem é iluminado por nós. Cumprir tentar realizar a maior consciência possível de nossa existência que reside nos dois reinos ilimitados e se alimentam inescapavelmente dos dois domínios. A verdadeira forma da vida estende-se através desses dois domínios, o sangue do maior circuito corre através de ambos; não existe um aquém nem um além, mas a grande unidade.

Kafka In Blanchot (1987), num a uma nota do seu diário, faz um breve comentário sobre o qual se pode refletir: “Voltando a casa, disse a Max que o meu leito de morte, na condição de que os sofrimentos não sejam insuportáveis, eu estaria muito contente. Esqueci-me de acrescentar, e mais tarde omiti-o deliberadamente, que o que escrevi de melhor fundamenta-se nessa opinião para poder morrer contente (...)”. Esta passagem é algo muito forte para alguém que perde um ser querido, que se torna um deprimido.

Na vida, ninguém morre contente; no entanto, os sentimentos causados pela morte são sentidos, não por quem se foi, mas por quem perdeu um ente querido. O autor citado anteriormente continua dizendo que as descrições associadas à morte são secretamente um jogo. “Regozijo-me até por morte no moribundo”, utilizado, portanto, de maneira calculada a atenção do leitor.

Assim, diante das análises desse autor que muitos questionamentos são revelados em relação à morte. Quando ele questiona o que seria a intimidade com a morte, apesar de exemplificar e falar a respeito, o autor não deixa claro que intimidade é essa sobre a qual ele reflete. “A morte é algo inexplicável”.

Rilke In Blanchot (1987) também se expressa a respeito de superar a morte. Para ele a palavra *superar* é algo que sua poesia tem necessidade. Significa também estar longe de dominar sua própria vontade de viver. Esse processo trata-se da morte voluntária, que, de acordo com o autor, está no desejo do Senhor, do seu fim, algo que está no último limite a esse movimento de vida.

Em outra perspectiva, tem-se o suicídio, tido como uma morte que acontece por impaciência, o que resulta em uma morte prematura. Esse tipo de morte é, para Rilke In Blanchot (1987) como um capricho infantil, uma ausência de espera, um gesto de desistência. Já o ter que se deixa morrer por excesso de boa vontade mostra um exagero arrebatado. E a morte justa, aos olhos do sistema religioso ou moral, leva a indagar-nos diante de uma má morte.

Segundo Ariés (1977), Nos grandes sistemas religiosos, a morte é um acontecimento, mas não é o paradoxo de um fato brutal sem verdade: é relação com outro mundo onde, precisamente o verdadeiro teria sua origem; é o caminho da verdade e se lhe falta a segurança das certezas apreensíveis que são as nossas aqui embaixo, possui a garantia das certezas inacessíveis do eterno. Nos grandes sistemas religiosos do ocidente, por exemplo, não há, portanto, dificuldade em sustentar a morte como verdadeira, ela tem sempre num mundo maior, evento situável e que nos situa a nós mesmos em alguma parte. Enquanto isso, a percepção cristã, considerando a esperança de um reencontro com os entes queridos, via os sentimentos de dor e perda de forma amenizada.

Para Ariés (1977), ainda na Idade Média, surgem interrogações sobre a vida e a morte, como também acerca da ressurreição e da vida eterna, fazendo com que os indivíduos começassem a temer pela morte e passassem a ter um amor pela vida. As concepções acerca da finitude foram se reformulando com o desenvolvimento e florescimento da burguesia, para a qual a separação corpo e alma, vida e morte se integram ao pensamento binário da cultura ocidental.

Já de acordo com Rodrigues (1995), no mundo medieval a relação com o corpo era aberta, expansiva, indisciplinada, em oposição ao mundo burguês que transformou o corpo humano como um meio para a produção de bens.

Na mesma linha de análise, um estudo realizado por Nogueira e Pereira (2006) investigou como a religiosidade pode influenciar nas perspectivas de morte. Os autores concluíram que tanto os católicos como os agnósticos são os grupos que apresentam mais dúvidas a respeito da morte e que, quanto maior o nível de religiosidade, menor a perspectiva da morte como fracasso e maior como coragem.

Segundo Xausa (2003), enquanto o homem primitivo recorre ao mito e à magia, o homem moderno se desnuda de toda concepção religiosa sobre a morte para resolução do confronto com a finitude. Entretanto, de acordo com o autor, a morte, de uma forma ou de outra, como um fenômeno fatal e inevitável, provoca angústia no ser humano.

Kovács (1992), por sua vez, propõe que a morte estaria associada a algum tipo de medo: de morrer, do sofrer e/ou da impotência; do receio do que vem após a morte, do julgamento divino e da perda das relações com os outros; medo da extinção, medo do desconhecido. Apesar disso, para vida Frankl (1981/1990), a morte também pode originar a pergunta pelo sentido da vida, visto que a transitoriedade da existência humana poderia destituir a vida de um sentido ou de um questionamento que abarque “para que viver”.

Quando se reflete sobre a preocupação de uma morte justa, há a necessidade de ligar a palavra morte às palavras autenticidade e exigência, observando-se, por exemplo, que ela teve uma dupla origem. Na perspectiva de Rilke In Blanchot (1987), a angústia da morte anônima confirmou uma preocupação que despertou sua curiosidade. Criou-se, então, a pergunta: Posso morrer?

Poder morrer deixa, segundo o autor, de ser uma questão. Dessa forma, mediante a análise de sua obra, morrer não é exatamente morrer, mas transformar o fato da morte, em um esforço para ensinar-nos a não renegar o extremo, a expormo-nos a perturbadora intimidade do nosso fim. Assim, para ele, concretizar-se-á na afirmação apaziguadora de que não existe morte. No entanto, apesar disso, na medida em que estamos submetidos à perspectiva de uma vida limitada e mantida entre limites, só vemos a morte.

Esse discurso pode ser observado nos versos abaixo:

Só vemos a ela; o animal livre
Tem sempre o seu declínio atrás dele, e diante de
E diante dele Deus, e quando avança, avança
Na Eternidade, assim como fluem as fontes. RILKE (1987, p 145))

A morte, ou melhor, enxergar apenas a morte, segundo Rilke In Blanchot (1987), é, pois, o erro de uma vida limitada e de uma consciência mal convertida. A morte é essa preocupação de limitar o que introduzimos no ser, é o fruto e, talvez, até o meio da má transmutação pela qual fazemos de todas as coisas objetos, realidades bem fechadas, bem finitas, totalmente impregnadas de nossa preocupação com o fim. A liberdade deve, por sua vez, ser a emancipação da morte. E é nessa abordagem em que a morte se faz transparente.

“Pois, perto da morte, não se vê mais a morte
E olha - sufixalmente para fora,
talvez com um grande olhar de animal.” RILKE (1987, p 145)

Percebe-se que, nesses versos, o autor nos diz que a morte é o lado da vida do qual estamos desviados. Ela é tão só o erro desse desvio, a aversão. E todos os lados para onde nos desviemos, existe morte, e aquilo a que chamamos o momento de morrer nada mais é que o desvio extremo, o excesso de curvatura, o ponto limite além do qual nos conduzimos fora de nós. O que acontece é que, mesmo sem percebermo-la, acontece-nos ultrapassar o momento de morrer, tendo chegado longe demais; desatentos e como que distraídos, negligenciamos o que teria sido preciso fazer para nos esquecermos de morrer.

Esse pensamento pode ser comprovado pelas ideias de Rilke In Blanchot (1987), falando de si mesmo em terceira pessoa, quando afirma que na realidade, ele era livre há muito tempo e se alguma coisa o impedia de morrer talvez fosse apenas seguinte: que ele negligenciara, uma vez, algures, aperceber-se disso, que não devia, como os outros, prosseguir em sua caminho para chegar-lhe, mas, pelo contrário, retroceder. Sua ação já lhe era exterior, nas coisas convencidas com as quais as crianças brincam, e nelas perecia.

2.3 A Mística da Morte na Poesia de Emily Dickinson

Com um estilo literário marcante, Dickinson propiciou o surgimento de novos moldes para a literatura, prenunciando os primeiros traços do Modernismo na

literatura norte-americana, que veio a se manifestar e consolidar somente no século posterior. Sua poesia é, pois, definida como pertencente a movimentos tão díspares como o dos poetas transcendentalista, dos metafísicos ou dos surrealistas, não faltando quem tenha comparado sua produção aos textos criados por pessoas portadoras de distúrbios mentais.

O fato é que a absoluta liberdade da poetisa no manejo do idioma, o amplo leque temático de que lançou mão, o solene desrespeito ao rigor das rimas e das formas, o constante ir vir por temas como o amor e a morte, o êxtase e o desespero, a aceitação dos ditames divinos ou o afrontamento á figura de Deus levam-na a criar uma obra em que diferentes assuntos podem entrecruzar-se e, muitas vezes, coexistir. Por outro lado, o que certa crítica denuncia como morbidez, quando Dickinson trabalha com a ideia de morte, apenas revela a intimidade da poetisa com o que desde sempre assombra o homem: sua finitude.

I like a look of Agony,
Because I know it's true –
Men do not sham Convulsion,
Nor simulate, a Throe -

Fascina-me um olhar em agonia,
Por saber que é verdade:
Não se fingem convulses,
Nem simula-se uma dor.

The Eyes glaze once – and that is Death -
Impossible to feign
The Beads upon the Forehead
By homely Anguish strung.

Descem brumas sobre os olhos –
- É a Morte – impossível falsear
As contas, pela cruel angústia,
Na frente alinhada feito um colar.

(Emily Dickinson, 2008 p. 106 - 107)

No entanto, se por um lado a presença da morte surge de maneira soturna e reiterativa, a celebração a vida confere um frescor alegre e, muitas vezes, rebelde á sua obra. Essa lufada vital vem impregnada de imagens recolhidas das estações que se sucedem ao longo do ano, do crepúsculo dos animais selvagens como esquilos, tigres ou serpentes, e até mesmo dos ventos, das águas, da borboleta e abelha, das tempestades ou dos objetos e coisas que se encontram no ambiente doméstico – armas de fogo. Tapeçarias, teias de aranha, porões, desvãos, poeira, e etc. Tudo isso transfigurado por uma sensibilidade aguda e trabalho com a obsessão de um alquimista á procura de seu outro.

Tais metáforas são vistas no poema a seguir:

The spider holds a silver Ball
 In unperceived Hands -
 And dancing softly to Himself –
 His Yarn of Pearl _ Unwinds

A aranha traz uma bola de prata
 Nas mãos que não se veem
 E ao dançar, leve e sozinha,
 Desata seu perolado novelo.

He plies from Nought to Nought
 In unsubstantial Trade _
 Supplants our Tapestries with His –
 In half the period -

Com artes imateriais,
 De nada em nada vai tecendo;
 Sua trama supera as nossas,
 Na metade do tempo.

An Hour to rear supreme
 His Continents of Light -
 Then dangle from the Housewife's Broom -
 His Boundaries – forgot -

Rapidamente levanta
 Territórios luzidios,
 Pendentes depois de uma Vassoura –
 Seus limites, esquecidos.

(Emily Dickinson, 2008 p. 30 - 31)

Para a escritora, a leitura era sua fonte de alimento para a alma, um instrumento de aprendizagem e de viagem pelo mundo, mediação de seu contato com a realidade exterior, uma janela para a história através das folhas amareladas do livro. Segundo Marisis Aranha Camargo, “o estilo de Emily Dickinson era simples, mas apaixonante, marcado pela economia e concentração da linguagem, ela projetou seus temas dentro de casa e nem por esse motivo deixou de ter originalidade” (CAMARGO, 1986, p. 43).

Antes de entrarmos propriamente nos poemas que apresentam a atitude de Emily Dickinson quanto à morte e ao morrer, é interessante comentar sobre o modo como a morte é vista no pensamento protestantismo, que é a matriz do puritanismo norte-americano e que guarda diretas influências na vida familiar e pessoal da autora. A partir de então será possível ver ou não, na obra poética de Emily Dickinson, traços desse pensamento religioso. Ao desenvolver o tema da morte, a autora muitas vezes recorre a símbolos tradicionais do cristianismo, imagens bastante conhecidas da comunidade religiosa, narrativas convencionais, e os recria dentro de suas intenções literárias e estéticas.

Há um desenvolvimento no tratamento do problema da morte através da Bíblia. Nas primeiras páginas do Velho Testamento, por exemplo, a ideia da ressurreição do corpo ainda não estava presente. Ela veio como resultado de um desenvolvimento posterior da história do povo hebreu, ao entrar em contato com culturas e realidades diferentes. Também vem do Velho Testamento a ideia da vida como dom supremo e único recebido de Deus, a relação entre morte e pecado e a centralidade da relação com Deus em termos de vida ou morte. Se a vida é o dom

supremo, a doença representa uma terrível limitação, comparada à morte. A cura e a revivificação são equivalentes à vida.

O significado da palavra hebraica *nephesh* implica algo que está no ser humano, em seu sangue, a respeito do que o ser humano não tem nenhum controle, isto é, a vida é algo transcendente. O sopro de vida, portanto, está sujeito somente ao controle de Deus. A vida, desse modo, é experimentada como algo que é emprestado aos seres humanos por Deus, que é a fonte da vida (CABRAL, 1996). Semelhantemente, a Bíblia apresenta a noção de tempo como uma criação de Deus. Deus é o Senhor do tempo. Por isso, a morte e o tempo estão sob seu direto controle.

Por outro lado, de acordo com o teólogo alemão Eberhard Jüngel, a idéia de vida no Velho Testamento está ligada ao relacionamento com Deus (JÜNGEL *apud* CABRAL, 1996). O indivíduo vive à medida que Deus desenvolve um relacionamento com ele. Portanto, de acordo com Jüngel, o conceito bíblico de morte é desenvolvido a partir do conceito de vida como relacionamento. A morte representa a interrupção desse relacionamento, a interrupção de toda a condição de vida, portanto, ela representa “o fim da história de vida”, o fim do corpo, o fim da pessoa, a expressão da pequenez da humanidade, o retorno ao pó (80).

O Novo Testamento, por sua vez, apresenta uma mensagem clara da ressurreição e toma Jesus Cristo como o centro dessa mensagem, Jesus Cristo “o crucificado” (I Cor. 2:2). A fé e a esperança são respostas básicas, no Novo Testamento, à mensagem da morte e ressurreição de Cristo (CABRAL, 1996). O que é periférico no Velho Testamento se torna central no Novo Testamento, isto é, a esperança numa ressurreição dos mortos baseada na vitória de Deus sobre a morte.

A imortalidade, para a tradição cristã, deve “incluir o corpo, seja em que forma transfigurada for, como foi na ressurreição de Jesus” (FRYE, 1983, p. 20). A ressurreição do corpo permite um novo entendimento da morte, não mais como o fim da existência, mas como a o fim da existência, mas como a entrada numa vida eterna.

“Para Lutero In Cabral (2005), a manifestação da graça de Deus e a salvação constituem o supremo valor da vida, que para Calvino repousa na relação entre um indivíduo livre e um Deus soberano”. Kierkegaard, entretanto, dirá que a morte não é o problema fundamental, mas sim a existência, não o morrer mas o viver. Para o cristão, o conceito de morte muda, de uma experiência negativa e assustadora, a um

entendimento da morte como bênção, tendo em vista a ressurreição e a vida eterna. Por isso, esse não é um momento de lamento nem de desespero, mas de alegria e cântico. Lutero e Calvino veem a vida como estando em constante ameaça pela morte, e cada dia de vida como uma vitória sobre as forças da destruição. A morte está sempre presente, apontando os limites do tempo e da existência.

“O desespero é a perda da esperança de morrer . Portanto, a morte, para Kierkegaard (1984), não é o absoluto risco da existência, mas sua suprema possibilidade. Para o filósofo dinamarquês, a liberdade é o grande elemento da vida humana. É no uso da sua liberdade que o ser humano se constrói e supera a morte, dialeticamente e dinamicamente. A natureza impõe, mas a intenção do indivíduo reage e se posiciona, superando os paradoxos da vida (KIERKEGAARD, 1984).

O poema é uma expressão estética que às vezes vislumbra a existência de outra realidade. A mística entra em cheio na experiência transcendente. Desta fusão entre arte e misticismo nasce a poesia mística, que esbanja beleza, amor e verdade.

Ao se referir à morte, Emily Dickinson assume uma postura crítica e sucinta. Por vezes interliga a presença da liberdade à intermediação da morte. Devido à experiência que herdou ao frequentar pelo período de um ano um seminário direcionado a mulheres, e por ter recebido uma educação voltada aos princípios puritanos, apegou-se à leitura bíblica. Então, ao confortar-se e ao mesmo tempo confrontar-se diante dessa passagem que é a morte, a escritora geralmente faz alusões a imagens e prescrições bíblicas e a trechos de hinos religiosos.

Um trecho que exemplifica a relação estabelecida entre as poesias de Emily Dickinson e a religiosidade está presente no poema a seguir:

Truth – is as old as God
His Twin identity
And will endure as long as He
A Co-Eternity

Tão antiga quanto Deus
A verdade é sua identidade gêmea
E, assim como Ele, suportará
Uma co-eternidade

And perish on the Day
Himself is borne away
From Mansion of the Universe
A lifeless Deity

E haverá de perecer no dia
Em que Deus, carregado, sair
Da mansão universal
Como divindade sem vida.

(Emily Dickinson, 2008, p 92 - 93)

Em outro poema, Emily Dickinson apresenta um diálogo surreal e irônico entre duas personas que acabaram de morrer. Elas conversam no túmulo sobre a

causa de suas mortes e sobre seus destinos. Pouco a pouco, sua conversação é envolvida pelo musgo que cobre seus restos mortais.

Vejamos:

I died for Beauty –but was scarce
Adjusted in the Tomb
When One who died for Truth, was lain
In an adjoining Room –

He questioned softly “Why I failed”?
“For Beauty”, I replied -
;“And I – for Truth – Them self are One-
We Brethren, are”, she said-

And so, as Kinsmen, met a Night -
We talked between the Rooms -
Until the Moss our lips -
And covered up – our names -

Morri pela beleza, mas estava
No sepulcro acomodada
Quando alguém que pela verdade morrerá
Foi posto na tumba ao lado

Perguntou-me, baixinho, o que me matara:
“A Beleza, respondi”.
“A mim, a Verdade – são ambas mesma coisa
Somos irmãos.”

E assim, como parentes que certa noite se encontram,
Conversamos de jazigo a jazigo,
Até que o musgo alcançou nosso lábios
E cobriu os nossos nomes.

(Emily Dickinson, 2008, p 104 - 105)

A Beleza e a verdade, dois conceitos que na cultura ocidental parecem eternos, são aqui a causa morte de dois *personas*. Ironicamente, Emily Dickinson mostra como a morte vem aos poucos derrubar e cobrir de esquecimento aquilo que há de mais precioso na cultura humana. Ao mesmo tempo, os seres humanos são apresentados aqui como parentes unidos pelo destino final.

Finalmente, em outro belíssimo poema, Emily Dickinson caminha com uma *persona* muito bem apessoada, muito fina e educada: a morte. Em inglês, a morte tem gênero: masculino. Por isso, o encontro aqui retratado entre ela e a morte é descrito em termos de galanteio. Um tétrico e irônico namoro numa carruagem misteriosa e elegante. Eis o poema:

Because I could not stop for Death,
He kindly stopped for me;
The carriage held but just ourselves
And Immortality.

We slowly drove, he knew no haste,
And I had put away
My labour, and my leisure too,
For his civility.

We passed the school where children
played,
Their lessons scarcely done;
We passed the fields of gazing grain,
We passed the setting sun.

Porque eu não conseguia parar para a Morte,
Ele gentilmente parou para mim;
O transporte realizado, mas apenas nos
E da imortalidade.

Nós lentamente dirigia, ele sabia que sem pressa,
E eu tinha guardado
Meu trabalho e meu lazer também,
Por sua civilidade.

Passamos a escola onde as crianças brincavam,
Suas lições mal feito;
Passamos por campos de olhar de grãos,
Passamos o sol poente.

Fizemos uma pausa antes de uma casa que parecia

We paused before a house that seemed
A swelling of the ground;
The roof was scarcely visible,
The cornice but a mound.

Since then 'tis centuries; but each
Feels shorter than the day
I first surmised the horses' heads
Were toward eternity.

Um inchaço da terra;
O telhado era pouco visível,
A cornija, mas um monte.

Desde então, 'tis séculos; mas cada
Sente mais curto do que o dia
Eu supunha primeiro cabeças dos cavalos
Foram para a eternidade.

(Disponível em: <http://www.online-literature.com/dickinson/443/>. Acesso em: Fevereiro/2014)

A forma irônica e casual com que Emily Dickinson descreve seu passeio com a morte parece sugerir a superação do tradicional pavor e pudor que se tem ao lidar com semelhante tema. Ela ajuda a desmistificar a imagem do “Cavaleiro Negro e sua foice”(obra de Shakespeare), e retrata a morte como um verdadeiro cavaleiro e sua carruagem luxuosa. A morte não é mais o grande inimigo. Há um quê de sedução nessa representação da morte.

Pode-se concluir que, ainda que revelando muita influência do protestantismo, presente em seus poemas na estrutura e no ritmo dos seus versos, bem como nas imagens bíblicas e metáforas que constrói, a atitude de Emily Dickinson diante da morte é ligeiramente distinta e idiossincrática, revelando uma postura nova, irônica, de reconhecimento da morte como um fenômeno importante, mas natural. Percebe-se quase um descaso diante da morte, uma irreverência radical em relação ao desconhecido.

Em certos momentos há a sugestão de um namoro entre o indivíduo e a morte, que perde seu caráter assustador e desesperador e ganha ar de familiaridade e naturalidade.

The quiet nonchalance of death
No daybreak – can bestir
The slow – Archangel's syllables
Must awaken her!

A calma indiferença da morte
Por nenhuma aurora se abala
Sílabas do lento arcanjo
É que devem despertá-la.

(Emily Dickinson, 2008 p. 100 - 101)

3 EMILY DICKINSON E SUA POESIA: UM BREVE HISTÓRICO

Emily Dickinson nasceu em Massachusetts, Estado Unido, em 1830. Filha e neta de proeminentes figuras políticas e intelectuais, foi educada em um ambiente puritano que a tornou uma pessoa solitária e nostálgica. Durante sua vida, raras vezes saiu de casa e suas amizades foram escassas. Entretanto, dentre as poucas pessoas com quem teve contato, desenvolveu um especial apreço pelo Reverendo Charles Wadsworth. Emily Dickinson conheceu Charles Wadsworth, um clérigo de 41 anos, em sua viagem à Filadélfia. Alguns críticos acreditavam que Wadsworth, era o alvo de grande parte dos poemas de amor escritos por ela. Admirou também os poetas Robert e Elizabeth e Barrett Browning, assim como a John Keats.

Emily Dickinson, em toda sua vida, apesar da vasta produção, não publicou mais do que dez poemas, algumas vezes anonimamente, e teve suas obras reconhecidas apenas após sua morte. Sua vida discreta e misteriosa desafia até hoje os estudiosos de sua obra. Sua poesia possui uma liberdade sintática única, muito próxima do uso oral da língua, é densa e paradoxal como sua vida.

My life had stood a Loaded Gun
In Corners till a Day -
The Owner passed identified –
And carried Me away.

Minha vida, uma arma carregada,
Ficou pelos cantos até o dia
Em que o dono passou e, ao reconhecer-me
Levou-me dali consigo.

(Emily Dickinson, 2008 p. 78 - 79)

Apesar de ter uma produção poética razoavelmente ampla, teve suas obras editadas e publicadas em 1890 depois de sua morte, ocorrida em 1866 na cidade de Amherst. Os antepassados de Emily Dickinson contam-se entre os primeiros colonizadores da América, e a família manteve-se fiel ao estabelecimento inicial. Nathaniel Dickison, um puritano, embarcara para a Nova Inglaterra em 1630, quando reinava Carlos, e faltavam quase duas décadas para a República de Cromwell assumir o poder.

Em sua extraordinária literatura, criou um idioma poético próprio, desprezando as fórmulas ou a regularidade convencional. No entanto, o tema que mais forte em sua obra parece estar voltado para o fascinante e misterioso fenômeno da morte, sua frequente obsessão (FARSTAD, 1991). A partir da leitura e análise de seus poemas, é possível perceber que a visão que a escritora tem a respeito dessa

passagem para além da vida sugere uma atitude por vezes amena, e por vezes como experiência de libertação do corpo e da alma.

Emily Dickinson ousou lapidar sua produção literária sem seguir fielmente as prescrições estilísticas e literárias, buscando, talvez inconscientemente, provocar a reflexão a respeito de novos padrões de escrita que estão presentes em seus poemas. Sua poesia não se adequava ao estilo da época; sua métrica seguia basicamente o padrão dos hinos protestantes, chamava a atenção, e suas rimas eram por vezes inusitadas e bastante flexíveis. Sua obra caracterizava-se por ser concisa e telegráfica. Ela privilegiou as variantes métricas não-fixas e também as rimas assonantes, encaixando genuinamente tons sonoros aos seus poemas, produzindo uma obra cheia de musicalidade. Diante da espontaneidade que evidenciava, ela não se prendia a rodeios, sendo extremamente objetiva.

3.1 Imagens do Absoluto: O Simbolismo Religioso na Poesia de Emily Dickinson

O simbolismo é a estética literária do século XIX caracterizada por uma visão subjetiva simbolista e espiritual do mundo (FERREIRA, 2000).

De acordo com McMichael (1986), trata-se de um movimento essencialmente poético do fim do século XIX. O simbolismo representa, assim, uma ruptura artística e radical com a mentalidade cultural do Realismo-Naturalismo, que busca fundamentalmente retomar o primado das dimensões não-rationais da existência. Para isso, o simbolismo redescobre e redimensiona a subjetividade, o sentimento, a imaginação, a espiritualidade; busca desvendar o subconsciente e o inconsciente nas relações misteriosas e transcendentais do sujeito humano, consigo próprio e com o mundo.

Numa visão mais ampla, tanto no campo da filosofia e das ciências da natureza, quanto no campo das ciências humanas, a desconstrução das teorias racionalistas faz-se notar, seja por meio da física relativista de Einstein, da psicologia do inconsciente de Freud ou das teorias filosóficas de Schopenhauer e de Friedrich Nietzsche.

Segundo Cereja (2003), o surgimento do simbolismo, por um lado, reflete a grande crise dos valores racionalistas da civilização burguesa, no contexto da virada do século XIX para o século XX, e, por outro, inicia a criação de novas propostas estéticas precursoras da arte da modernidade.

O autor supracitado afirma que ao longo da década de 1890, desenvolveu-se na França um movimento estético a princípio apelidado de "decadentismo" e depois "Simbolismo". Por muitos aspectos ligados ao Romantismo e tendo berço comum ao Parnasianismo, o Simbolismo gerou-se quando escritores passaram a considerar que o positivismo de Augusto Comte e o demasiado uso da ciência e do ateísmo (procedimentos do Realismo) não conseguiam expressar completamente o que acontecia com o homem e a Natureza.

Para Cereja (2003) o simbolismo buscou uma linguagem que fosse capaz de sugerir a realidade, e não retratá-la objetivamente, como queriam os realistas. Para isso, segundo ele, a tendência literária faz usos de símbolos, imagens, metáforas, sinestésias, além de recursos sonoros e cromáticos, tudo com a finalidade de exprimir o mundo interior, intuitivo, antilógico e antirracional.

De acordo com Dickinson, In: Campos (2008), os principais temas abordados nas poesias de Emily Dickinson foram: a beleza, o amor, a natureza e a morte. Ela foi corajosamente franca e esclarecedora quando tratou da visão que tinha em torno do ser humano. Ficou conhecida por quebrar os padrões formais da época: rimas irregulares, modo criativo como usava as metáforas, ou seja, pelo estilo inovador de seus poemas. Apesar de serem curtos, os poemas contêm uma linguagem extremamente condensada e carregada de emoção. O que pode ser observado no poema a seguir:

The morns are meeker than they were-
The nuts are getting brown –
The burry's cheek is plumer -
The rose is out of town.

As manhãs estão mais suaves,
Mais sazoadas, as nozes;
Os mirtilos, mais carnudos,
E ausente se encontra a rosa.

The Maple wears a gayer scarf -
The field a Scarlet gown -
Lest I should be old fashioned
I'll put a trinket on.

O bordo ostenta um lenço mais alegre,
A campina, uma saia escarlate;
Para não estar fora de moda,
vou trata de me enfeitar.

(Emily Dickinson, 2008 p. 21)

Farr (1996) afirma que apesar de sua formação religiosa, Emily Dickinson questionou bastante o contexto calvinista no qual ela e a família estavam inseridas e

até rejeitou os princípios de sua igreja. Ela admirava os trabalhos de Robert, John Keats e Elizabeth Barrett Browning, mas ela evitava o estilo florido e romântico da época. Evitava porque não queria fazer concessões. Quis se manter independente, livre de convenções e regras.

Para o autor citado anteriormente, outro ponto interessante nas obras de Emily Dickinson é a importância que é dada às palavras. Já que ela vivia isolada do mundo social, era através das palavras que a poetisa estabelecia uma interação social com o mundo. A linguagem servia, dessa forma, de abrigo para os seus pensamentos sinuosos. Isso mostra, segundo Farr (1996), que há certa flutuação de sentimentos em suas poesias, pois se pode encontrar em seus poemas as mesmas palavras, mas com significados diferentes. Para Emily Dickinson, a poesia era uma celebração do poder criativo da palavra.

Farr (1996) ainda afirma que mesmo não tendo vivido à época, Emily Dickinson possui claramente algumas características de vários movimentos literários que ainda estavam por vir. Ela fez, por exemplo, correspondência entre concepção espiritual com realidade empírica e muitos dos poemas mostram uma tradução verbal de uma visão da paisagem de *New England*, como os simbolistas. Conforme apresenta Farr (1996), ela usa as palavras de acordo com o seu jeito não convencional de entendê-las, sem precisar embelezá-las, como os dadaístas e surrealistas. O que pode ser analisado no poema a seguir:

Purple –
The Color of a Queen, is this –
The Color of a Sun
At setting – this and Amber
Beryl – and this, at Noon –

Fling Suddenly on men –
And when at night – Aurora widths
Tis this – and Witchcraft – nature keeps
A Rank – for lo dine

Púrpura
A cor das rainhas é esta -
A cor de um sol. No poente;
Ainda, além dessa, o âmbar;
E o berilo – se o dia vai a meio -

Atingem de súbito os homens
Mas usando à noite amplidões da aurora
Essa cor, e o feitiço. A natureza, porém,
Reserva ainda um lugar para os cristais de
iodo.

(Emily Dickinson, 2008, p 21)

Entende-se que Emily Dickinson foi uma poetisa que levou para os seus poemas todos os sentimentos subjetivos que faziam parte da sua vida e falou sobre todos eles de forma única.

Segundo Mackenzie In Smith (2009), Emily Dickinson sempre foi tida como escritora à frente de seu tempo. No entanto, apesar de sua linguagem ser motivada

por recursos subjetivos alheios à estética do século XIX, o motor de sua literatura está fortemente centrado nos conflitos de sua época, o que naturalmente não a torna menos universal.

Emily Dickinson, ao buscar propositadamente o ineditismo, desalentada por críticos como Higginson, parece ter aceitado a condição vitoriana de seu papel feminino, mas sua reclusão em casa não era fato incomum entre escritores vitorianos e românticos (FARR, 1996, p. 2-9).

Conforme apresenta Mackenzie In Smith (2009), a fragilidade do indivíduo exposta nas poesias de Emily Dickinson reflete a essência do pensamento de outros reclusos do século XIX, ou de escritores que se alinharam com a expressão do individualismo romântico. Para esse autor, a decepção com a obscuridade que parecia se mostrar irreversível a essa altura da vida gerou em Emily Dickinson um repertório imenso de reflexões sobre a sua própria renúncia à vida, característica marcante de suas obras.

The World – feels Dusty
When We stop to Die
We want the Dew – then –
Honors – taste dry –

Empoeirado se mostra o mundo,
Ao nos determos para morrer,
Queremos, então, o orvalho –
As homenagens têm sabor seco.

(Emily Dickinson, 2008, p 98-99)

Percebe-se a necessidade de compreender os mecanismos de comunicação com o mundo. As ideias difíceis, inacessíveis e metafóricas revelam a atitude de uma mulher profundamente reflexiva, reclusa, fora do mundo empoeirado, um mundo de decepções; em um ambiente em que espera o amanhecer, angustiada com a negligência e a incompreensão dos outros e com a ansiedade de seus próprios sentimentos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentou como principal tema a mística da morte na poesia de Emily Dickinson, analisando a reflexão inserida na mística da morte, um dos temas mais preferidos da poetisa Emily Dickinson. Para entender o título foi necessário pesquisar o significado das palavras mística e morte, em seguida refletir esses significados diante da poesia de Emily Dickinson, a fim de desenvolver um excelente trabalho.

Para alguns autores, a palavra morte desperta o medo no coração das pessoas; muitos consideram a morte como sendo algo tão incompreensível quanto inevitável; mal conseguem falar a respeito, perscrutar além da palavra em si e se permitir contemplar suas verdadeiras implicações. Esta é uma reação compreensível, pelo fato de que tantas pessoas pensam sobre a vida como nada mais que um estado no qual o corpo humano está biologicamente ativo. Mas, é hora de nos perguntarmos: o que acontece após a morte, se é que acontece? O que a morte realmente significa? Como aqueles que sobrevivem reagem diante dos entes queridos que partiram? Assim, no desenvolvimento desse trabalho todos esses questionamentos foram respondidos mediante a reflexão de alguns autores como Rilke In Blanchot, dentre outros.

O mistério da morte é parte do enigma da alma e da vida em si. Entender a morte significa realmente entender a vida. Afinal, durante a vida, como a conhecemos, o corpo é vitalizado pela alma; na morte, ocorre uma separação entre o corpo e a alma; porém, a alma continua a viver como sempre fez, agora, no entanto, livre das restrições físicas do corpo, e como o verdadeiro caráter da pessoa – sua bondade, virtude e altruísmo – está na alma, é lógico presumir que ele ascenderá a um estado mais elevado após cumprir suas responsabilidades na terra.

Várias são as definições e reflexões encontradas acerca da morte e de sua relação com a vida. No entanto, se propôs apresentar como a morte é trabalhada nos poemas de Emily Dickinson. Para isso, utilizaram-se autores como: BLANCHOT (1987), XAUSA (2003) dentre outros a fim de analisar com a mística da morte é tratada de maneira simbolista e poética.

Emily Dickinson faz parte de uma época simbolista e seus poemas possuem rimas irregulares, metáforas e palavras que simbolizam a natureza. Ela trabalha a

morte como sendo algo que perpassa a naturalidade das coisas, chegando ao plano divino. Enquanto outras discussões afirmam que a morte é algo psicológico, estudando a morte em várias definições – morte espontânea, acidental ou por suicídio, para Emily Dickinson, a morte é tida como uma esperança de reencontro com seres que fizeram parte de uma constelação de afetos ou até mesmo com pessoas que integraram seus sentimentos. Segundo ela, a morte não é vista com triste fim, mas como um livre recomeço de uma bela vida.

Este Trabalho servirá de fonte de pesquisa ou até mesmo estímulo de leitura para pesquisadores que admiram a poesia de Emily Dickinson, pois, além de conter o significado da mística da morte, ele também traz algumas análises dos poemas que estão inseridos nas obras de Emily Dickinson.

REFERÊNCIAS

AMEIDA, João Ferreira. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em Português. Revista atualizada no Brasil. 2009.

ÁRIES, P. (2003). **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro. (Original publicado em 1974).

BIANCHI, Martha Dickinson. **Introduction to the Poems of Emily Dickinson**. 1924

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1987.

CABRAL, Gladir da Silva . **Death in the poetry of Dylan Thomas**. Tese de Doutorado – PPGI da UFSC, Florianópolis. 1996

CAMARGO, Marisis Aranha. **Basic guide to American Literature**. São Paulo: Pioneira, 1986.

CAMPOS, Augusto de. **Introdução**. In: DICKINSON, Emily (2008). **Não sou ninguém**. Campinas: Editora da Unicamp.

CEREJA, William Roberto. **Português: linguagens: Volume único**. Thereza Cochar Magalhães. São Paulo: Atual, 2003.

DICKINSON, Emily. **Because I Could Not Stop for Death**. Disponível em: <http://www.online-literature.com/dickinson/443/> Acesso em: Fevereiro/2014.

_____, Emily. **The complete poems of Emily Dickinson**. Edited by Thomas H. Johnson .Boston: Little, Brown and Company, 1961.

_____, Emily. **The Poems of Emily Dickinson**. Hazleton: Pennsylvania State University, 2003 (1924).

FARR, Judith (ed.). **Emily Dickinson: a collection of critical essays**. New Jersey: Prentice Hall, 1996.

FARSTAD, Arthur L. Grace in the Arts: Jesus and Emily. The Biblical roots of Emily Dickinson's poetry. **Journal of the Grace Evangelical Society**, v. 4, n. 2, Autumn 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GOLDSTEIN, Normal. **Análise do poema**. Editora Ática, São Paulo, 1988.

KIERKEGAARD, Søren. **O Desespero Humano**. Trad. Carlos Grifo, Maria José

KNAPP, Bettina. **Emily Dickinson**. New York: Continuum, 1989.

KOVÁCS, M. J. (1992). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo. *literatura mística*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto, 2003-2014. [Consult. 2014-02-24]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$literatura-mistica](http://www.infopedia.pt/$literatura-mistica)>.

MARTIN, Wendy (ed.). **The Cambridge Companion to Emily Dickinson**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MAURICO e SAMAEL. **Morte mística ou morte do ego**. Disponível em <<http://www.agsaw.com.br/tema11.htm>>. Acesso em fevereiro/ 2014.

MCMICHAEL, George [Editor]. **Concise Anthology of American Literature**. 2ª edição. New York: Macmillan, 1986.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

NOGUEIRA, D., & Pereira, L. (2006). ***Perspectivas da morte de acordo com a religiosidade: Estudo comparativo***. Retirado em 30 de junho de 2008 de <http://psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0058.pdf>

RODRIGUES, J. C. . ***Higiene e ilusão***. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

SMITH, Martha Nell. “**A Hazard of a Letter’s Fortunes**: Epistolarity and the Technology of Audience in Emily Dickinson’s Correspondences”. In: EBERWEIN, J. D. & MACKENZIE, C. *Reading Emily Dickinson’s letters: critical essays*. Amherst/ Boston: University of Massachusetts Press, 2009.

XAUSA, I. A. M. (2003). ***O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl***. São Paulo: Casa do Psicólogo.